

# A VALORIZAÇÃO\*

Bernardo Carvalho

Tudo o que æ fez, disse ou sentiu na vida é falso. Tudo o que æ escreveu é mentira. Todas as cartas que me mandou. Sei muito bem o que pensam e falam, mas não chego aos pés dele. Ninguém nunca chegou aos pés de æ em matéria de falsidade. Sei do que estou falando. Eu o conheci há trinta anos e vi tudo, como a cada ano ia inventando a seu favor uma memória não seletiva mas fictícia, a ponto de transformar o presente no que sempre quis e abrir o caminho para um futuro totalmente descolado da realidade, um futuro cuja lógica obedecia unicamente à engrenagem de um passado que nunca existiu. Metade das cartas tiveram um único objetivo: me culpar pelos últimos cinco anos, pelo fim de sua vida de adulto.

Quando o conheci era um garoto e eu já um velho homossexual, como dizem agora quando querem ser civilizados, para evitar os preconceitos, dizem, como se os evitassem usando um termo neutro — mas são eles que dizem que é neutro. Sempre fui um velho homossexual, como eles dizem agora cheios de dedos, quando na verdade estão tentando virar o rosto, horrorizados com a imagem da bicha velha, que se tornou inadmissível, por decoro, mas eu não sei por que, já que é a única que continua passando por suas cabeças quando dizem velho homossexual. Esta é uma história de bicha velha. Sempre fui um velho homossexual, desde garoto, e sei muito bem todo o ridículo que isso acarreta. æ sempre foi um mau-caráter, desde garoto, desde quando o conheci. Não teria ficado rico, nem mesmo encontrado uma profissão na vida, se não fosse um mau-caráter orgulhoso e convicto. Herdou o cargo de leiloeiro — "commissaire priseur", como ele gostava de dizer, porque achava que soava mais fino — de um velho homossexual cujo último prazer se resumia a vê-lo duas vezes por semana, æ abusou o quanto pôde dos velhos homossexuais — alguns deles apresentados por mim mesmo, meus clientes (sou administrador do que aqui chamam de "grandes fortunas") — e, paradoxalmente, de sua própria beleza, que acabou gastando como se gastam os freios de um carro. A beleza poderia ter sido o freio da vida de æ, mas foi o que o levou a derrapar. Eu sabia que não ia suportar o dia em que a gastasse.

(\*) Esta narrativa compõe o livro *A aberração*, ainda inédito.

Conquistou tudo o que teve com sua beleza e perdeu tudo no dia em que a perdeu. Podem dizer que tenha começado a derrapar no dia em que constatou finalmente que já não era um garoto, estava ficando velho como todos os homossexuais que seduziu — e depois de ter tripudiado tanto em cima deles, era a última coisa que tinha previsto — com sua beleza, no dia em que seu espírito monstruoso não teve mais por onde escoar, porque o corpo tinha desmilingüido, a barriga crescido, os músculos caído, o rosto enrugado. æ me falou disso, mas sem associar uma coisa à outra, a derrocada do corpo à monstruosidade do espírito. Seria muito fácil dizer, como os outros dizem agora, fingindo que são civilizados, que começou a derrapar no dia em que constatou que já não era um garoto, muito fácil e evidente, porque, na verdade, e é o que eu particularmente acho, æ já começou derrapando. Uma vez eu lhe perguntei como era ser bonito e ele respondeu que era como quando você compra uma coisa que sempre quis e não consegue mais se separar dela, que fosse uma caneta ou um livro ou uma capa de chuva, ter essa coisa com você por todo lado dá uma satisfação enorme e ser bonito, segundo æ, era mais ou menos isso, ter o seu próprio corpo como se fosse essa coisa que você sempre quis ter, essa coisa que você carrega de um lado para o outro sem poder mais se desfazer dela e foi só aí que ele perguntou se eu estava entendendo.

Escolhi ficar perto dele para me sentir livre dessa atração. Nós nos encontramos em setembro, num bar de Frankfurt. Foi a única vez que fomos e, para minha sorte, alguma coisa não funcionou, embora eu tivesse todo o dinheiro do mundo para pagá-lo, alguma coisa na minha maneira de falar, na minha voz que, já naquela época, perdia toda a falsa excitação do dia-a-dia quando pagava para passar a noite com um garoto. Pagar me fazia perder os escrúpulos, a vontade de agradar sempre, era quando eu deixava o cansaço vir à tona e foi só quando ele viu que homem eu era, que eu era quase um homem, foi só então que alguma coisa não funcionou e daí em diante ele preferiu me transformar em cúmplice a me fazer de vítima. Eu teria servido perfeitamente a esse papel. Foi ele que não quis. O momento me ajudou — æ passava por uma crise depressiva, a única que presenciei nesses trinta anos e que, em seguida, como se um acordo tivesse sido fechado com o demônio, passou a se manifestar com frequência e exclusivamente num outro membro da família, V, o irmão mais jovem, igualmente homossexual mas de uma fragilidade contrastante com a malevolência de æ. Sua última carta me incumbiu finalmente de realizar seu último desejo, o que significava dispor de todo o dinheiro que tinha deixado, sem herdeiros, após as mais sórdidas negociatas, as operações mais escusas, para um espetáculo sem espectadores: todo o dinheiro que depositou em bancos suíços antes de se enfurnar no Brasil, seguindo um conselho que hoje me arrependo de ter dado, absolutamente todo o dinheiro deveria ser gasto num espetáculo de balões, centenas de balões, com a condição de que ninguém o presenciasse, um festival de balões no meio da selva, desgovernados, sem ninguém para dirigi-los ou vê-los, como ele que, morto, não veria nada, teria perdido tudo, um

espetáculo fabuloso que não seria visto por ninguém — a palavra se repetia a cada três linhas —, para igualar o resto do mundo à sua morte ou à perda que foi ter morrido no meio da vida, à perda que foi a vida. æ tinha decidido cada detalhe, me dado o mapa com a região mais desértica, onde teria menos chances de esbarrar em olhares humanos, de onde deveriam sair os balões, como foguetes, antes de se desintegrarem. Tudo foi minuciosamente calculado para explodirem depois de alcançarem uma certa altura. A quantidade de explosivos que cada um devia carregar, os meios como seriam transportados para o meio da selva e como a região seria evacuada de toda presença humana. æ não se importava com o testemunho animal, que jibóias e macacos vissem os seus balões. O espetáculo era proibido aos homens — e ele sublinhou essa palavra —, exclusivamente aos homens. Todos os meios deviam ser gastos nessa meta, a única que realmente importava.

Quando æ pegou a barca de Portoferraio para Piombino pela última vez, não pensou que escaparia. Foi o que o convenceu a ir embora. Eu sabia que seria para sempre. Ele detestava fazer a travessia por mar. Desde que comprou a casa na frente da baía, do outro lado, no alto do morro, pegou a barca no máximo umas cinco vezes, sempre que, por uma razão ou outra, teve que levar ou trazer o carro do continente. Dessa vez achou que seria menos suspeito, imaginou que a polícia o estaria esperando no aeroporto de Pisa se recorresse ao avião. Sua paranóia tomou dimensões despropositadas nas últimas semanas que passou na ilha. Deixou a casa pela manhã, sabendo que nunca mais voltaria, mas não se arriscou a colocá-la à venda para não levantar mais suspeitas. Desceu pela estrada muito estreita que passava embaixo do castelo e chegou ao porto às 10:30. Tinha comprado o bilhete na véspera. Esperou na fila de carros com os vidros fechados apesar do calor. Quando a barca surgiu na entrada da baía, æ sentiu um frio no estômago, como me falou mais tarde embora eu não tenha acreditado em uma palavra do que disse. Tudo o que æ sentiu na vida é mentira, se é que um homem assim pode alguma vez ter existido. Por muito tempo tive todos os escrúpulos de dizer as coisas como elas eram. Com que direito alguém pode dizer que o que o outro sente é falso? Não que não expresse o que realmente sente mas que o que realmente sente é falso? Não que seja falso, não demonstre suas vontades e sentimentos, mas que esses venham errados da fonte? Com que direito? E falsos para quem? Com que parâmetro? Passei anos calado, sem coragem para enfrentar esse fenômeno que talvez, quem sabe, seja biológico, um defeito, uma má conexão, uma disfunção, uma aberração, quem sabe? Hoje nada mais me impede de falar, mesmo se como prova dessa monstruosidade eu só tenha a apresentar trinta anos de convivência com æ. Nada no comportamento dele denotava um distúrbio. Nada que pudesse ser examinado por um médico ou um cientista. Nada era falso na aparência de æ. Sobretudo, nada era artificial, nem o tom da voz, nem o olhar, nem os gestos. Havia uma coerência perfeita entre o que sentia e o que dizia. O problema é que o que sentia era uma falsificação. Se não tivesse passado trinta anos ao lado de æ,

diria que isso é inimaginável, incomensurável, que uma pessoa assim é inconcebível, e no entanto eu a vi com os meus próprios olhos, descobrir o mundo, encontrar seu lugar nele para finalmente desaparecer como um vento que pára de soprar. æ nunca amou ninguém, nunca se apaixonou, só viu os outros sucumbirem de paixão aos seus pés, como um gato observa e brinca com uma barata antes de abocanhá-la.

æ me disse que esperou a grande porta da barca se abrir e, nesse instante, antes que os carros na fila à sua frente tivessem tempo de avançar, o pavor subiu por dentro de suas pernas e dos braços, um frio nos ossos, e ele teve que se controlar para não enfiar o pé no acelerador e a mão na buzina, que era o que o seu corpo queria. Avançou lentamente, minutos depois, seguindo o fluxo dos carros que entravam em ordem pela porta da barca. æ me disse que quando a porta se fechou e ele sentiu que começavam a se afastar do porto seu corpo amoleceu a ponto de ter dificuldade de subir as escadas que iam dar no convés, embora soubesse que eram apenas os primeiros passos da fuga.

æ escolheu um banco na popa, ao ar livre, onde se sentia mais seguro mas só até detectar, entre turistas e mais turistas, dois "carabinieri" armados e sentados à sombra uns dez metros a sua frente. æ passou a travessia com os olhos colados nos dois policiais, desviando-os somente quando tinha a impressão de que eles também o olhavam. Foi assim que notou a certa altura a entrada de um rapaz com calças de couro preto e um capacete na mão no convés só porque os dois "carabinieri", que até então conversavam e riam olhando para as pernas vermelhas das turistas alemãs, pararam imediatamente de conversar e se levantaram quando o viram passar em direção ao fundo do barco. Tinham armas nas mãos e o rapaz não tinha nada. æ acompanhou toda a cena, como os "carabinieri" acompanharam o rapaz, primeiro com os olhos para depois encurralá-lo num canto do convés não muito distante do banco onde estava sentado. Foram se aproximando pouco a pouco, sem que o rapaz os visse. Estava debruçado na amurada, com os olhos fixos nos reflexos do sol no mar enquanto se afastavam da ilha. Era provavelmente alemão também, com a maioria dos turistas, louro, com os cabelos sebentos de maresia em cachos que se emaranhavam com o vento. æ me disse que era muito magro e, pouco antes de os "carabinieri" o abordarem, tinha tirado uma câmera de dentro da bolsa que carregava a tiracolo e começado a fotografar freneticamente a ilha que se afastava. Um dos "carabinieri" lhe tocou o braço e falou alguma coisa e ele se virou para eles e também falou alguma coisa, mas se houve uma primeira intenção de resistência foi só por um instante, porque depois de umas poucas frases ele se deixou levar pelos dois, que o escoltaram, um de cada lado, segurando-o pelos braços. æ me disse que perdeu o fôlego, seu coração disparou e, na saída, em Piombino, quando desceu para pegar o carro, viu os dois "carabinieri" com o rapaz ao lado de sua moto. Foi o que o incitou a se aconselhar mais uma vez comigo, o que provavelmente tenha sido um erro, e tudo o que pude dizer a ele, dessa vez por telefone, foi que quando saí do Brasil, há mais de trinta anos, tive a

impressão de estar deixando um país agradável, æ acabaria falando de exílio, para me culpar, e dos "últimos seres humanos" que tinham sido esquecidos ali numa espécie de purgatório, como ele, depois de terem acreditado ter nascido no paraíso.

O vôo 721, que tomei às 23:30 num dia chuvoso de abril, para o Rio de Janeiro, estava praticamente vazio, apenas alguns homens de negócios, os últimos novos ricos locais, e algumas dezenas de turistas franceses, cujo nível se media pelo sonho de exotismo que não conseguiam deixar de extravasar, de repente, numa espécie de histeria súbita que de certa forma os fragilizava, os deixava como crianças a caminho de um parque de diversões, quando, em casa, deviam exercitar-se diariamente na tradicional xenofobia sedentária ou, pelo menos, na ilusão chauvinista de uma superioridade perdida há séculos que, como regra geral, os caracteriza.

æ passou a vida tentando destruir a vida de V e, quando percebeu que, por mais que tentasse (não foi pouco o que conseguiu), seria destruído antes, ou melhor, teria a consciência de sua futura destruição antes de V, mesmo se V acabasse sucumbindo antes, porque V não tinha consciência de nada, seria sempre æ o primeiro a vislumbrar a própria morte, quando percebeu que estava condenado a essa consciência implacável — acho que constatou esse seu destino logo depois de comprar a casa em Elba —, foi então que, mais que nunca, mais que quando viu V se apaixonar pela primeira vez e o incitou na paixão cada vez mais, sobretudo depois de descobrir que a primeira paixão de V não prestava, e depois de seduzi-la e de comê-la e de tornar-se seu amante também, e de contar depois tudo a V, mais que quando V foi reconhecido como um excelente fotógrafo ou quando passou a ser mencionado no ranking internacional de golfe, sempre com o dinheiro de æ (que não deixava de ser um dos elementos de sua tática para a destruição do irmão), mais que nunca quando percebeu que, apesar de tudo o que fizesse, "morreria" antes de V, ainda que não concretamente, mais que nunca æ tentou destruí-lo.

Costumava convidar suas vítimas para a casa na ilha. Acabavam todas em sua cama. Homens e mulheres. æ precisava de um testemunho para que a "subjugação" realmente acontecesse, para que a vítima se sentisse impotente em suas mãos, humilhada perante o resto do mundo. Cumpri com alguma desenvoltura esse papel, por um bom tempo, até que me enjoiei de ver os rostos apatetados e desconcertados quando eu abria a porta do quarto de manhã, inocentemente, e os pegava juntos na cama, muitas vezes nas situações mais esdrúxulas. A vítima nesse momento se enrolava no lençol, enquanto eu pedia mil desculpas, e nisso demorava uns segundos, e retribuía o sorriso discreto de æ enquanto ia fechando a porta devagarzinho.

Uma vez, excepcionalmente, quando abri a porta, æ estava sentado num canto da cama com o rosto caído dentro das mãos e o rapaz, que ele tinha encontrado duas semanas antes, em Paris, com os olhos vermelhos do outro lado do quarto, acuado, se vestindo. æ começou a gritar assim

que me viu, gritou para eu sair dali e fechar a porta, alucinado. Eu ainda tentei brincar, achando que era mais uma representação, mas logo vi que não, quando ele continuou a gritar, cada vez com mais raiva. Depois me contou que aquele garoto tinha lhe dito só naquela manhã, ao mesmo tempo em que revelava que estava perdidamente apaixonado — e muito provavelmente por isso —, que era soropositivo. A princípio, não entendi a surpresa nem a raiva de æ. Eu sabia que ele não corria riscos e, visto o número de pessoas que passavam por sua cama, imaginei que pelo menos supunha que um ou outro devia ter o vírus. Mas não. Era essa a loucura dele. Não podia ouvir o que talvez supusesse. Nada teria acontecido se o garoto, apaixonado, não tivesse resolvido contar, o que na cabeça de æ invertia simbolicamente, ainda que não necessariamente na realidade, os papéis de vítima e algoz.

Passou a manhã enlouquecido, trancado, depois de ter expulsado o garoto a tapas do quarto, e de repente, no meio da tarde, saiu de lá de dentro transformado, abraçou o garoto, que tinha ficado com o rosto inchado de tanto chorar, e se desculpou, o que para mim foi uma surpresa, mas só até eu descobrir o que havia por trás daquela mudança súbita de atitude, durante o jantar, quando ele já tinha se tornado mais atencioso que nunca com o rapaz, que por sua vez já tinha esquecido tudo e agora só pensava em dormir de novo com æ. Engasguei com um pedaço de peixe quando æ se virou com a maior naturalidade para ele e disse que precisava conhecer V.

Passei meses tentando evitar o encontro de V com esse rapaz, tentando protegê-lo de alguma forma, já que era, na minha cabeça, a própria inconsciência. Mas era inevitável. æ fez daquilo uma das suas prioridades. Na época, tive que me mudar para Edimburgo por uns meses, por causa de um cliente, e quando encontrei V de novo, em Elba, ele já estava com o garoto. Não sei se por ingenuidade, mas fiquei horrorizado. De qualquer jeito, não falei mais nada; achei que, a esta altura, era melhor não dizer nada, V era um adulto, tentei me convencer de que devia saber o que estava fazendo, e depois, se não soubesse, e se já fosse tarde, seria pior dizer e me calei. V de fato ficou doente cinco anos depois, mas é impossível dizer se já não estava mesmo antes de dormir com aquele garoto, até que ponto æ teve alguma culpa nisso. Quando V ficou doente, æ lhe deu todo apoio e o dinheiro de que precisava e se tornou o melhor irmão do mundo.

Não foi por isso, por um conflito existencial como alguns podem imaginar, que æ teve de deixar tudo para trás e se exilar, como ele dizia nas cartas, escritas do Brasil, entre os últimos dos humanos. No verão de 1974, quando ele próprio ainda era praticamente um garoto e talvez, sem que eu percebesse, já almejasse o posto de "commissaire priseur" e J.K., o velho homossexual, æ me perguntou quem era Antonio Rafardi. Fiquei espantado que não soubesse. J.K. tinha lhe dito que Rafardi seria, nos próximos 10 anos, um dos artistas mais bem cotados no mercado internacional e quando æ lhe perguntou ingenuamente como podia saber, o velho apenas sorriu e disse que fazia parte da profissão.

æ guardou aquele nome. Eu lhe contei como, por muito tempo, pensou-se que Rafardi tinha começado a pintar tarde, depois de ter deixado Trieste, já um senhor de meia-idade, e depois de ter se tornado amigo de Giacometti, na época ainda rapaz, na Suíça. Contei como só muito recentemente tinham descoberto que Rafardi na verdade não começou a pintar tarde mas, ao contrário, muito cedo, só que muito pouco se conhecia de seu trabalho antes de deixar Trieste. Contei como de fato uma febre tinha sido desencadeada quando a família de uma ex-amante do pintor revelou ao mercado a existência de dez telas de juventude, datadas e assinadas. A coincidência dessa descoberta no exato momento em que Rafardi começava a receber finalmente o reconhecimento que nunca teve em vida, como um dos maiores mestres do expressionismo, curiosamente não provocou nenhuma desvalorização no mercado. Ao contrário, os preços começaram a subir, assim como a demanda, enquanto um batalhão de especialistas se espalhou por toda a Itália à procura dos quadros do artista. Contribuiu para a valorização galopante de Rafardi o fato de ninguém saber ao certo se essas telas ainda existiam e quantas eram. Na verdade, aquelas dez primeiras foram apenas uma promessa, porque em seguida pouquíssimas foram encontradas. Isso fez com que, à expectativa da revelação, se sobrepujasse a frustração da realidade, mas o sentimento de rarefação permanecesse sempre realimentado pela esperança de que, a princípio, em potencial, deveria haver outras pinturas perdidas. J.K. farejou essa tendência bem no início e soube usá-la a seu favor. Fez de sua companhia, à época já uma das mais prestigiosas da França, a maior representante e negociadora de Rafardi no mercado internacional. Quando æ assumiu finalmente o comando, meio caminho já estava andado.

Fui eu que cuidei de todos os documentos. Pouco antes de morrer, J.K. aceitou adotar æ, depois de ter sido convencido, em boa parte por mim, que isso facilitaria o processo. Só nos três primeiros anos após a morte de J.K., cinco Rafardi desconhecidos da juventude apareceram no mercado graças aos esforços de æ por quem foram vendidos. Também nesses mesmos três anos, somente duas outras telas chegaram ao mercado por outros leiloeiros. Nos dez anos precedentes, além das dez telas reveladas pela família da ex-amante, surgiram apenas outras três, e isso depois de uma busca ensandecida, sendo que só uma delas foi vendida por J.K. As outras duas foram leiloadas em Londres e Nova York. Não foi à toa que as cinco telas achadas por æ em apenas três anos, coincidentemente após sua ascensão com a morte de J.K., deram o que falar. Preferia não me meter mas me lembro perfeitamente que, nesse caso em particular, usei pela primeira vez dizer a æ que devia tomar cuidado. Ele me fulminou com os olhos e teve uma crise de nervos. Disse que eu não entendia nada, não sabia do que estava falando. Não sabia mesmo. Só falei porque ouvi num jantar uma insinuação, alguém dizendo sarcasticamente "esse garoto tem realmente tino. Cinco telas desconhecidas de Rafardi em apenas três anos!" Na ocasião fui eu o ingênuo. Não sabia se as telas eram falsas mas, pelo que conhecia de æ, foi o que supus. Achei que ele tinha

enlouquecido, não compreendia o desvario que estava cometendo, ia acabar com sua carreira, com tudo o que tinha conquistado. Dessa vez, no entanto, ele era o inocente, se é que o termo se aplica aqui, não era pior que os outros, apenas abusou das regras na sua inocência.

Depois, nas cartas do Brasil ele me explicou tudo com detalhes. J.K. o preparou perfeitamente para a tarefa que teria que executar. O erro de æ foi ir com muita avidez ao pote, um pecado imperdoável nesse meio, mas isso ele só entendeu muito tarde. J.K. pode ter lhe ensinado as regras mas não podia mudar sua natureza. O que eu não tinha entendido antes era que essas regras não eram apenas tácitas. Em meados dos anos 70, pouco antes de æ lhe perguntar como podia saber que Rafardi se tornaria um dos artistas mais valorizados do mercado internacional, J.K. teve um encontro com dois de seus principais concorrentes americanos e ingleses em Londres, onde firmaram um pacto verbal sobre o futuro do pintor. Antes de morrer, J.K. fez um jantar com o objetivo de apresentar æ aos que haviam participado do encontro em Londres e garantir-lhes que seu herdeiro estava a par do pacto e disposto a honrar os compromissos que tinham sido assumidos.

Como explicar agora que o problema não era a falsidade mas a quantidade? Como tudo era falso em æ, ele não entendeu que para toda falsificação havia limites com o objetivo de garantir a "veracidade". Nas cartas do Brasil, ele me disse que nunca houve nenhuma tela desconhecida de Antonio Rafardi além das dez iniciais reveladas pela família da ex-amante (todas as outras eram falsas), mas que aquilo, a descoberta das dez primeiras, no mesmo momento em que a cotação do artista no mercado disparava, foi suficiente para dar a idéia aos homens de que outras deviam surgir. J.K., que tinha se tornado o maior especialista de Rafardi, garantiria a veracidade das telas, contanto que também não tivesse as suas próprias questionadas pelos concorrentes. Fizeram um cartel, o que não deixava de ser arriscado. Todas as telas aparecidas após às dez da ex-amante eram falsas. Todo o plano havia sido baseado na parcimônia com que surgiriam, para que o valor estivesse assegurado. Foi o que æ não entendeu. Foi inocente. De certa forma, foi honesto. Foi honesto com a própria falsificação. Uma vez que eram falsos, não conseguia compreender que era preciso se conter. Exagerou. No quarto ano depois de ter assumido, mais três telas de Rafardi foram reveladas por æ, e apenas uma por um dos concorrentes, em Nova York, sob o aval de æ obviamente. No quinto ano, ele apareceu com mais duas outras e os preços começaram a cair. Nos dois anos seguintes, æ colocou outras três telas no mercado, sem notar que já havia três anos que nenhum novo Rafardi surgia por iniciativa dos concorrentes. Em sua avidez, ele não percebeu que tinham se retraído. As últimas três telas que vendeu foram a gota d'água para que um especialista contratado por um dos concorrentes que havia participado do encontro com J.K., em Londres, dissesse que uma das telas de Rafardi que o leiloeiro possuía era falsa. Foi uma bola de neve. O escândalo foi revelado, sem que nenhum dos concorrentes fosse envolvido, já que os pareceres vieram todos de J.K. e æ. A companhia perdeu toda a credibilidade. Dois dias antes do processo

criminal ser aberto em Paris, æ estava em Elba. Dali, tomou a barca para Piombino e dirigiu até Zurique onde, seguindo o meu conselho, pegou o avião para o Brasil, de onde nunca mais saiu.

Nunca mais nos vimos. De uma certa forma, eu o abandonei. É verdade que, graças a minha administração, ele conseguiu manter-se no Brasil como um milionário. Optei sempre pelos melhores e mais seguros investimentos e nunca deixei de lhe mandar nada que tenha pedido. Mas não queria mais vê-lo. Pelas cartas, cada vez mais raivosas, senti que havia alguma coisa de contagioso naquela derrocada. No final não restava nada além de um enorme ressentimento, um sentimento de vingança que não tinha como ser extravasado. Senti que ele precisava de uma última vítima e preferi não me candidatar. Ao mesmo tempo, essa raiva era falsa sendo real, raiva e amor de si mesmo. æ se sentia injustiçado pelos homens e estava disposto a fazer qualquer coisa contra eles. Mas agora só lhe restava uma pirraça, jogar todo o dinheiro que ganhou com as falsificações pelos ares. No fundo, toda a vida de æ foi uma guerra contra os mais velhos, a começar pelos velhos homossexuais, os que não tiveram filhos, contra os homens crescidos, uma cruzada contra os adultos, e mesmo quando passou a fazer de garotos as suas vítimas era numa projeção em que apenas confirmava as razões para atacar os mais velhos, no caso representados pela maldade de si mesmo. O caso Rafardi foi mais uma ocasião para sua cruzada. Talvez tenha realmente quase alcançado o seu objetivo: colocar a perder, com telas falsas da juventude, o valor do artista maduro ao mesmo tempo em que minava o lucro dos outros, dos mais velhos. Devem pensar agora que foi só pelo dinheiro. Não faz mais diferença. O conflito dessa impotência, agora que ele também tinha envelhecido, tinha perdido a juventude e a beleza que havia usado como arma, fez com que, no final, cada linha de suas cartas parecesse gritar de tanta raiva contra si próprio. Outras pessoas já tinham me dito que era assim mesmo. Perto do fim, eles ficam irritadiços e não é raro que enlouqueçam.

O que ele pediu eu tentei fazer, como procurador. Fui ao Brasil, calculei tudo, comprei todo o material e enviei tudo para o meio da selva, para o local mais desértico, onde nenhum homem poderia ver nada. Fiz tudo o que pude. Mas há coisas que são impossíveis. Contratei um número mínimo de gente para executar o trabalho. Passei meses no meio do inferno. Não fiz economias. O dinheiro pelos ares. Fiz tudo o que ele mandou. Uma pirraça. Quando tudo estava pronto, eu mesmo vendi os olhos dos cinco homens que restaram comigo sem entender mais nada. Há gente que vem ao mundo com uma missão. Não é o meu caso. Não me deram nenhuma missão. Não nasci com idéia nenhuma, encontrei æ no meio do caminho. Eu virei as costas para a floresta, fechei os olhos e tapei os ouvidos (e procurei não imaginar) e não imaginei os balões subindo para o fundo do céu azul, não imaginei as cores, as árvores, o vento ou que não havia vento, não imaginei as explosões quando os balões estavam tão altos... Não imaginei que isso não podia acontecer, era impossível, que nada disso podia acontecer aqui. Não imaginei só para fazer o último desejo de æ.